

Folha de S. Paulo

28/02/1993

LAVOURA ARCAICA

Crianças de 4 anos são bóias-frias no Paraná

Cerca de 4.000 meninos e meninas trabalham até dez horas por dia na colheita de algodão no noroeste do Estado

AMAURY RIBEIRO JR.

Da Agência Folha

em Querência do Norte (PR)

A fome e o desemprego estão obrigando meninos e meninas de quatro anos de idade a trabalhar mais de dez horas por dia como bóias-frias na colheita do algodão no município de Querência do Norte (Paraná, a 620 km de Curitiba). Eles são chamados de "órfãos da colheita" pelos demais bóias-frias, trabalham sem seguro e garantias trabalhistas e vivem pendurados nas carrocerias abertas dos caminhões.

Segundo a Federação dos Trabalhadores Rurais da Querência do Norte, cerca de 4.000 crianças dos municípios de Querência do Norte, Porto Rico, Santa Cruz do Monte Castelo e Santa Isabel do Ivaí são obrigadas a trabalhar desde os quatro anos para aumentar o rendimento familiar.

"Eles andam apertados em caminhões, sem nenhuma segurança, conduzidos por motoristas sem carteira de habilitação e, às vezes, trabalham mais que os próprios adultos", disse o presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura de Querência do Norte, Antônio Noberto Possi.

Possi acusa os produtores agrícolas de descumprir o acordo coletivo de trabalho que prevê o transporte das crianças e de outros bóias-frias em ônibus. "Isso ficou acertado no ano passado, mas não vem sendo cumprido", disse.

As estatísticas do sindicato coincidem com o levantamento da Prefeitura de Santa Cruz do Monte Castelo. Segundo o prefeito da cidade, Blaudeci Sobral (PMDB), 80% dos 10 mil habitantes do município tornaram-se bóias-frias. "E 15% desse percentual é formado por crianças", disse.

Para o prefeito, a "fome insustentável" foi ocasionada pela substituição da cultura do café pela pecuária, em meados da década passada. "O café exigia emprego fixo e, com seu término, a grande maioria dos trabalhadores rurais migrou para cidades pequenas, que não tem indústrias para empregá-los", disse.

"Como a pecuária emprega poucas pessoas, restaram os quatro meses da colheita de algodão para os bóias-frias trabalharem com os seus filhos". Os pecuaristas da região não contestam a tese do prefeito. "Onde entra boi sai um bocado de família", disse o presidente da Sociedade Rural de Monte Castelo, Toninho Morgato.

Os "órfãos da colheita" são reunidos pelos chamados "gatos", empreiteiros encarregados de contratar bóias-frias. "Temos de levar as crianças porque as mães não tem creches onde deixar os filhos, então os meninos são obrigados a nascer nas plantações, disse o "gato"

Edvaldo Ferreira. Os "gatos" recebem 10% de comissão de cada menino — que ganha por dia, em média, Cr\$ 20 mil pela colheita de 30 quilos de algodão.

Para os pais das crianças, a ajuda de seus filhos representa um pouco menos de miséria para a família. "A gente ganha muito pouco, Cr\$ 60 mil por dia e só trabalhamos 20 dias por mês, daí a necessidade da ajuda dos filhos", afirmou o agricultor Lorival Esmério, pai de Jeferson Esmério, 8, que trabalha na colheita de algodão desde os 6 anos.